

ARTESANATOS

E

FEIRAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
Departamento de Antropologia
CENTRO DE ESTUDOS FOLCLÓRICOS

Rua Dois Irmãos, 92, Recife - Pernambuco - Brasil

FOLCLORE 20
BR

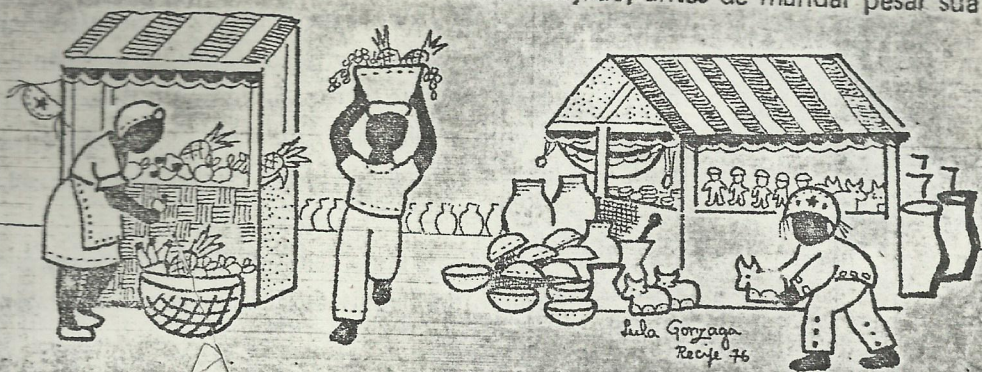
A Feira de Caruaru

Nelson Barbalho

Imundície e desorganização à parte, a mais perene fonte de atração turística do País de Caruaru é a sua grande feira semanal -- a do sábado, a decantada *Feira de Caruaru*, em cuja movimentação ainda se podem encontrar *brejeiros* simples e autênticos, rudes e caricaturais, honestos e comunicativos. Estão rareando, mas ainda se encontram em suas veredas e devãos.

Brejeiro e o matuto dos "brejos" -- faixa úmida do território municipal caruaruense e da qual provém a multiplicidade dos frutos e *ligumes* que, ao lado das *loiças* e mais peças artesanais, dão um colorido vibrante e um toque inconfundível, altamente folclórico, à mixórdia semovente constituída pela celebrizada feira de coisas mil. Em Caruaru, brejeiro também é tachado de *mocó*, *vargulino*, *bicho-dos-brejos*, *bedeguêba*, *meu tio*, *pai véio*, *coisa-do-mato*, *muda-de-mato*, *roceiro*, *brobó*.

O grosso, quase o principal da feira, concentra-se na velha Rua da Frente, ou da Rua da Feira, ou Rua do Comércio, ou ainda Pátio da Festa -- todo caminho dá na venda, tudo quer dizer Praça Cel. João Guilherme e Rua 15 de Novembro, por onde o feirão se subdivide em feiras diversas: a da *ciará*, em cujas toldas (o brejeiro chama *torda*) se expõem ao comércio grossas mantas de carne de *carque*, mantas previamente banhadas em óleos ordinariíssimos mas que fazem o milagre de transformar carne de segunda em *ciará* de primeira, *argentina* *lígítima*, *mô fio dos outo*". Se o freguês não for muito *vivo*, estrepasse, lascando-se na forma da lei, pois, para protegê-lo, não existe cristão algum. Consumidor na feira de Caruaru também é vítima, como no resto do Brasil, e não adianta discutir a questão. O matuto calejado, antes de mandar pesar sua



"quarta" de *ciará*, sempre mete o nariz na manta, aspira forte, cheira, cheira, sentindo a carne bonita e lustrosa nas fuças, e se percebe inhaca denunciadora de má qualidade do produto ou de sua falsificação, passa para o *banco* (tolda) vizinho. E assim por diante, até deparar com a *chaique* de seu agrado. A feira dos *loiceiros*, talvez a parte mais interessante, do ponto de vista turístico, de toda a Feira de Caruaru, é limpa e atraente. Ali pontificam os deuses de barro, os sucessores de Vitalino, mestres na argila, natos artistas plásticos, escultores mirins, finos observadores da vida ao redor e seus fiéis recriadores, em termos artísticos, através dos bonecos de barro da ribeira do Ipojuca ainda negociados a preços de banana e ainda típicos da simplicidade do artesanato caruaruense mais arraigado ao torrão natal, destituído de sofisticação.

Na *feira do barro*, para a meninada pobre, há os boisinhos, os cavalinhos, os cadelinhos de *tostão* (dez centavos) e *dois tons*. São peças pouco trabalhadas saídas de mãos infantis — geralmente engendradas pelos bruguélos dos *loiceiros* já babaquaras. Estes não mais se rebaixam no perder tempos com "loça de menino". Esmeram-se é nas "peças de arte", i. é., nos zebus-paliteiros, nos grupos de retirantes, nos maracatus, nas casas-de-farinha, nos casamentos sertanejos, nas zabumbas, nas pegas-de-boi, nas *loças* que puxam pelo quengo e dão dinheiro mais acrescentado, em suma. Sempre vale uma incursão pela feira do barro espalhada por diversos recantos da Rua da Frente do *País de Caruaru*. Antes de adquirir qualquer peça, é bom especular, ler a origem do boneco (carimbo do *loiceiro*), botar preço, não bancar o praticista (senão, mô fio, poderá sair deperado sem dô nem piedade, que matuto, de besta, só tem o nome).

Ainda no zanzar pela Rua da Frente, encontra-se a feira dos gelados — sorvete de raspa (uma delícia de gelo raspado com essência de frutas dos mais variados sabores), gelada de maracujá com pão doce, picolé-de-pobre (sem embalagem a protegê-lo), ponche de cajá, de oiti, de mangaba, coisa boa de dar água na boca só no se pensar nela. Topa-se, também, perto dos gelados, com a feira dos queijos — de prato, de mochila, de "quaia", do sertão, derretido, de manteiga, requeijão, manteiga-de-gado ou do sertão, queijinho redondo de vaca ou de cabra, tudo variado e farto de causar espanto no turista menos avisado e que julga ser o Nordeste a zona da fome do Brasil (Eita engano da peste!). Depara-se, ainda, com a feira das *mobilhas* — *mochos* (tamboretetes), bancos retangulares, mezinhas e mesões, estrados para camas de casal ou de solteiro

Na feira das ervas só se morre de velhice ou de desastre, pois ali há mezinha pra curar tudo e mais alguma coisa. Para gente fraca do peito, há hor-

telã da folha larga, alecrim, sabugueiro, angico, cebolinha branca, alcansur, coisa à beça. Tudo misturado em lambedor cozido com açúcar bruto (mascavado), se tomado em jejum, faz levantar tubebé em último grau.

As feiras da Rua da Feira são tantas que nem me lembro quantas. Fotografadas em preto e branco realçam pouco, mas, a através de filmes coloridos, ganham beleza e plasticidade inesquecíveis, tomam outra dimensão, como que crescem e revelam-se em toda a sua grandiosidade, valendo por cenários soberbos para filmes regionalistas de caráter nordestino. De quebra, oferecem o *Majó Imídio do Ouro*, bicho cutuba, bigodudo, folclórico, chefe de bacamarteiros, metido a falante, meu amigo de infância, politiqueiro e, não obstante, leal e bondoso. Tem banco de joias; bacamartes e armas ornamentais. Mandou imprimir cartão em que se confessa "atração turística". Um papo com o *Majó* é salutar e edificante, valendo por todo um tratado de *inorância* ao vivo. Ah, e os conjuntos musicais, e os cantadores/repentistas da Rua da Feira?

Há um ceguinho que faz ponto da calçada de *Zé Fostino* ou da Caixa Econômica, um gota-serena de bom no fole de oito baixos. Faz miséria de fole na mão, tem um ritmo tão envolvente que quem vai passando perto pára a fim de escutá-lo. A mocidade dança a seu redor, espontaneamente. A matutada o adora. O bichinho ganha pequenos óbulos tocando *as niusgas* do agrado da assistência, músicas populares do Nordeste, tudo simples, gostoso, autêntico. Trata-se de artista nato, completo em sua rusticidade, saído do Vale do Pau Santo para as feiras de Caruaru. Toca sanfona e ao mesmo tempo rege conjunto rústico — o menino do triângulo, o cabra do bombo, o véio do reco-reco, todos excelentes na pisada ritmada dos pés. Vale a pena gravar os cocos e baiões executados pelos *mocós* pausantenses, alegres e divertidos que nem macacos em dia de banana madura.

Os cantores da feira são todos do tipo *pé-rapado* — ótimos na ruindade de seus repentistas, pobres, fanhosos, poucos versáteis, poetas do pé quebrado e da rima apenas sonante. Mesmo assim, são bastante apreciados pelos *brejeiros*, que compram seus *foiêtes* aos magotes. Os folhetos, hoje em dia, tomam caminhos maliciosos, como aquele recente do "home qui laigou a mulé mode s'amigá c'a jega". A safadeza come no centro, mas o pitoresco reina acima de tudo.

No *Cafundó* fica a "feira do mangaio e do ligume". Mangalho é fruta em geral; e legume, para a matutada, agrange verduras, batatas, carás, o diabo. É setor muito sujo, embora não seja o mais imundo da Feira de Caruaru. Este, o paraíso da nojeira, acha-se na feira dos miúdos e da carne verde em toldas. Af

é caso de polícia, de polícia sanitária, ao menos, mas em Caruaru este *animal* não existe e ninguém liga para a saúde pública, nem a *otoridade* nem o povo adquirente e consumidor. Todo o mundo emburaca na imundície e ninguém estrila, sob a alegação ingênua de que o que não mata engorda. Na feira dos miúdos a inhaca é de lascar, tibes, votes, t'esconjuro, peste!

Na feira do fumo, reúnem-se os "aviciado no tabaco". Os vendedores sempre indagam dos compradores se querem "um grosso, forte e cheiroso" falem com ele. Referem-se a fumo, naturalmente, mas o tom da oferta é de pulha, pura e simples.

Ainda há a feira dos bodes, a dos frangos, a do feijão, a da farinha, a dos passarinhos (movimentada e poética), a dos ovos, a dos bolos, a dos ferros velhos, a das cordas, a das latas, a dos cocos, a dos mosqueiros, a da linguiça e carne-de-sol, a dos chapéus de palha, a dos balaios, a da goma e massa-de-mandioca, a das roupas feitas, a dos sacos, a das miudesas, a dos doces, a dos lambes, até a feira dos ladrões existe na Feira de Caruaru. Dos ladrões? Inhorrim, meu compadre: é a feira do troca-troca, onde o pau que dá é *menino lesa*, cada *índio* da mão-leve que tem a gota de guabiru.

Na feira do troca-troca, contam, certa vez, mulher nova, casada com velho de 60, procurou trocar o marido por três de 20. Os três, ela conseguiu depressa; o que não conseguiu foi deixar o de 60 na mão dos outros. Destino...

No troca-troca, chega-se com um relógio de parede parado e sai-se andando com um de pulso. Sucesso garantido, lá, faria Uri Geller, pois coisa sem funcionar entre os trocantes é mato. Nas transações não corre dinheiro, vale mercadoria. Tudo é rápido como quem rouba, na base do toma-lá-dê-cá, é um sapato novo sem o par por um par de botinas velhas, meias furadas por brincos de latão, jante de bicicleta por um penico inaugurado na noite de núpcias, tambo por taco de rapadura. Quem quiser gravar diálogos pitorescos e maldosos, dê um pulinho à feira do troca-troca — sairá farto e, talvez, roubado. É bom andar nela com pouco ou nenhum dinheiro no bolso.

O comércio caruaruense vive em função da feira, a cidade toda movimenta-se acionada pela feira, o dinheiro corre grosso nos dias de feira. A Feira de Caruaru é sociologia ao vivo, é matéria para pesquisas sob os mais diversos aspectos, é folclore borbulhante na fonte, é nordestinidade da boa, pura, cristalina, é uma festa matuta semanalmente renovada. Pena não esteja disciplinada, inteligentemente livre de taxas e imposto, higienicamente assejada. Mesmo suja e desorganizada, possui enorme poder de atrair matutos e pracionos de todas as ribeiras deste Nordeste sem fim.